

Redacção e administração  
R. de S. Martinho

AVEIRO

# POVO DE AVEIRO

Officina de impressão  
R. de S. Martinho, AVEIRO,  
EDITOR, Manuel Homem Christo

SEMAMARIO REPUBLICANO

**Assignaturas**

Numero 270

AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

**Publicações**

No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.

NUMERO AVULSO, 30 REIS

5.º ANNO

## INTERESSES DYNASTICOS

Lemos, n'um diario republicano, que os monarchicos andam muito contentes por estar em projecto o casamento do principe real portuguez com uma neta de Eduardo VII, pois que, dizem elles, fica assim consolidada, de vez, a dynastia de Bragança. «Se, accrescentam, era possivel que a Gran Bretanha, sem parentescos dynasticos, não intervisse em qualquer acto interno de Portugal que substituisse as suas instituições, a intervenção torna-se certa desde que essa substituição possa attingir pessoa proxima do rei d'aquelle paiz.»

Os monarchicos, como bons catholicos, nunca se deveriam esquecer de que: *o homem põe e Deus dispõe.* Quem sabe se Deus estará resolvido a sancionar os projectos do sr. D. Carlos, rei de Portugal, e a vir em soccorro dos desejos de Eduardo VII, rei de Inglaterra?

Deus não se tem mostrado muito favoravel ás monarchias. Retirou-lhes ha mais d'um seculo o seu favor e nunca mais lh'o tornou a conceder. Esta é que é a verdade. Ligas e mais ligas, alianças e mais alianças, duplas, quadruplas, ou triplices, nada teem valido contra os progressos incessantes da democracia.

A prova de que Deus abandonou as monarchias está, precisamente, no recurso á Inglaterra, tão proclamado, tão preconizado, tão louvado pelos monarchicos portuguezes. Sendo sua magestade a rainha tão religiosa, tão profundamente piedosa, sem duvida que tem implorado cem vezes a Providencia para que inunde o coração dos portuguezes de affecto e gratidão pelos seus reis. Sem duvida que toda a corte, toda a aristocracia, toda a burguezia endinheirada, teem acompanhado a rainha n'essas invocações e n'essas supplicas. Sem duvida que todo o clero, alto e baixo, tem reforçado o pedido da rainha. E Deus a nada se move! E Deus empederado!

As damas da alta aristocracia, as damas da alta burguezia, todos os dias fazem offertas valiosas a Deus. Os padres são os representantes legitimos da Providencia, os seus ministros. Sua magestade a rainha, tão altiva deante dos mortaes, como compete á sua gerarchia, é reverente, é humilde, deante de Deus. E' serva do Senhor. Parece que não ha melhores empenhos para o Divino. Não pôde haver creaturas que lhe sejam mais agradaveis. Comtudo, a Omnipotencia persiste severa. Inabalavelmente resolvida a não favorecer a monarchia. Senão, era escusado o recurso á Inglaterra.

Pois não é assim? E' tão logico, tão claro, que julgamos não offerecer duvidas a ninguem.

Se a monarchia tivesse apoio no paiz, se no coração do povo existisse affecto pelos reis, seria disparate ir buscar auxilios á Inglaterra. Auxilios para quê? Auxilios contra quem? E esse apoio, e esse affecto, existiria, innegavelmente, se Deus quizesse. Mas Deus não quer. Oh! não quer, não! Porque se quizesse, se não estivesse, mesmo, muito teimoso em não querer, tinha cedido aos rogos, ás supplicas, ás invocações, ás lagrimas de tantas pessoas que lhe devem ser muito sympathicas.

Isto é clarissimo. Ora se Deus está assim inelmente, o caso é grave. Os monarchicos fazem mal em acalentar tantas esperanças. Em apreguar o seu triumpho. O homem põe? Deus dispõe.

Desde que Deus deixou cahir a cabeça de Luiz XVI e de Maria Antonieta no cesto de Sansão, nunca mais tornou a conceder benevolencia aos reis, que teem passado, de então para cá, uma vida amargurada. Em França, não tornou a haver um que fosse feliz. Luiz XVIII, coitado, soffreu d'aquellas que o diabo amassou. Carlos X pozeram-no fóra. A Luiz Fillippe succedeu-lhe o mesmo. Napoleão III, igual sorte.

Em Hespanha, não teem os monarchas ganhado para colicas. Nunca mais poderam dizer: «N'este throno me sento com segurança.» Nem Fernando, nem Carlos, nem Christina, nem Izabel, nem Affonsos.

Em Portugal, tambem. D. João VI, D. Miguel, D. Pedro, D. Maria, viveram vida atormentada. D. Luiz e D. Carlos viram sempre levantar-se deante dos olhos o espectro republicano.

Pois Deus protege os reis? Isso é que não. E, em tal caso, como ha de poder mais um casamento do que a vontade de Deus?

O que Deus quer é as coisas feitas depressa, com arte, e sem barulho. N'isso é que elle é intransigente, e tem razão. Não faz senão dar provas do seu superior engenho!

Na Patuleia foi elle d'uma paciencia rara. Mas se os homens da revolta não faziam senão asneiras! Mas se elles, afinal, não queriam passar de metter medo á rainha! E Deus não é para meias medidas. Di-lo a historia, desde o seu alvorecer. Deus é rasgado, é decidido, é de meios extremos, e, por isso mesmo, protege sempre os audaciosos, os que cortam curto e rapido.

Intervenções! A facilidade com que estes idiotas falam n'uma intervenção extrangeira! Isso será o que fôr, carissimos irmãos. Dependente de muita coisa. De muita coisa! Pôde ser que sim. Mas pôde ser que não. Será tolice, em absoluto, dizer que não. Mas maior tolice ainda será, em absoluto, dizer que sim.

Conta-se que o marquez de Pombal respondera um dia, a certa ameaça do embaixador hespanhol, que um homem na sua casa pôde tanto que até depois de morto são precisos quatro para o pôr fóra. Se não é verdadeiro, é bem achado.

A Inglaterra é um grande paiz de liberdade. Sendo um grande paiz de liberdade, faz politica nacional e não faz politica dynastica. Sendo um grande paiz de liberdade, teve sempre, e tem, manifesta repugnancia em intervir na vida interna dos outros povos para lhes impôr fórmulas de governo.

Em 1846 manifestou aberta repugnancia em vir aqui. Veio, arrastada pela Hespanha e pela França. Veio, porque os chefes patuleias deram provas d'uma incapacidade absoluta, incapacidade militar e incapacidade politica, fazendo degenerar a revolução n'uma desordem. Deu-lhes tempo. Soubessem elles, ou quizessem, aproveitar as circunstancias e o tempo.

A Inglaterra sabe muito bem o que se passa entre nós. Sabe muito bem que a nação não está contente,

não pôde estar contente, e que tem carradas de razão para não estar contente. E a razão pôde muitissimo. Pois quê? Pois estes declamadores insignificantes aquilatam, pelo d'elles, o valor intellectual e moral dos homens da Inglaterra?

Na sessão de 14 de junho de 1846, dizia o deputado Borthwick na camara dos communs, falando da intervenção ingleza:

«O ministerio diz que vae assegurar a carta de D. Pedro, mas a unica coisa que elle faz é dar áquelle povo a esperanza d'uma constituição morta. E onde está a garantia? Na boa fé da rainha? Lord Palmestron brinca! A rainha de Portugal é tão inconstante como a fortuna; fallar da boa fé da rainha é o mesmo que dizer: *Lucus à non lucendo.*»

Mas a rainha garante uma amnistia. Olhem que milagre, que sacrificio! A rainha é que devia pedir uma amnistia ao povo que tem offendido.»

Tal era o verdadeiro sentir, então, da Inglaterra. A opinião publica ingleza, d'essa epocha, achava justissimo o divorcio estabelecido entre a corôa e a nação. Pois muito mais justo, e justificado, o acha hoje. A Inglaterra sabe muito bem o que se passa entre nós. Muito bem! E sabem o que entre nós lhe causa mais extraneza? A nossa paciencia. Sabem o que ella mais lamenta? A fraqueza com que supportamos os mais criminosos desvarios dos governos.

A alliança da Inglaterra com este paiz não é uma alliança dynastica; é uma alliança nacional. E' uma alliança que lhe convem, ou haja republica, ou haja monarchia. E ella ha de pensar, no momento opportuno, se deve revoltar contra si o sentimento inteiro d'um povo que já hoje vive—sabe-o ella muito bem—divorciado da monarchia.

Desenganem-se, senhores. Não é com casamentos que a monarchia se ha de aguentar. E' governando bem.

Governando mal, só uma coisa lhe pôde prolongar a existencia. Sabem o que é? Ainda não são os casamentos. E', ou será, a imbecillidade dos republicanos.

Se os republicanos forem habeis, e a monarchia continuar governando mal, Eduardo VII poderá acolher os seus netos, dando-lhes asylo, agasalho, boas palavras e carinhos. Mas a Inglaterra nunca sustentará, á força, uma corôa que um povo inteiro se resolva, energicamente, a repellir.

### D. Rita de Miranda

Falleceu no Porto esta virtuosa senhora, viuva do grande orador José Estevão Coelho de Magalhães. Sentimos.

### «DIARIO DA TARDE»

Entrou no setimo anno de publicação este nosso prezado collega do Porto, um dos jornaes mais bem redigidos entre nós.

As nossas felicitações.

### «A Voz do Operario»

Vae festejar o seu 25.º anniversario este estimado collega de Lisboa, órgão dos manipuladores de tabacos.

As nossas felicitações.

## Cartas d'Algures

7 DE OUTUBRO.

E' notavel que havendo tantos homens n'este paiz sem emprego, faltem professores nos lyceus. Abre-se qualquer concurso documental e apparecem, para um só logar, dezenas de candidatos. Toda a gente sabe isto. Apparecem bachareis a concorrer a logares de amanuenses e até de continuos de repartição. Aos logares mais humildes. Mas os concursos de instrução secundaria ficam desertos. Ou, se não ficam desertos, concorrem poucos individuos, ou não obtem approvação o numero preciso para preencher as vagas.

Querem prova mais clara da nossa mandrice, da nossa incultura, da nossa incapacidade, da nossa insufficiencia intellectual?

As provas são muitas. Mas esta é das mais eloquentes.

O logar de professor de instrução secundaria é bom. Regularmente remunerado, de consideração, e independente. Havendo tanto bacharel sem emprego, tanto advogado e tanto medico sem clientela, engenheiros e outros diplomados sem collocação, porque não concorrem esses homens aos logares de professores do lyceu?

Porque os exames são difficeis, e elles não sabem, nem querem saber. Não estão para queimar as pestanas a estudar.

E eis outra classe que berra contra a lei de instrução secundaria. E' a dos aspirantes ao magisterio, mandriões, incapazes, que confiam em que uma nova reforma torne mais facil o accesso ao professorado.

Isto é muito sério, muito grave, e a imprensa, principalmente a imprensa democratica, deve ter o maximo cuidado na sua propaganda, para não servir de instrumento a manobras de especuladores.

Alves Correia fez uma excellente campanha contra a policia da capital. Era uma campanha de moralidade, muito louvavel nos seus intuitos. Mas a verdade é que o governo a aproveitou para a reforma liberticida da policia de Lisboa.

Foi de pasmar a lenidade dos poderes publicos emquanto essa campanha durou, a sua condescendencia com o jornalista que parecia receber algumas das suas informações do proprio governo civil, a sua promptidão em dar satisfações á opinião publica. O facto causou surpresa a mais do que um espirito reflectido, dado o conhecimento, que temos todos nós, dos processos de governar em Portugal e do character arbitrario dos nossos homens publicos, que não respeitam a lei nem o decoro. Pois tudo se explicou depressa. Ao governo convinha immenso o descredito da policia de Lisboa, para ter um pretexto para a odiosissima reforma que trazia em mente.

O mesmo parece estar succedendo agora no Porto. O Norte, que é, aliás, um dos jornaes que melhor servem a causa democratica, dá bellas bordoadas na policia da segunda cidade do reino, fazendo uma campanha justa e moralisadora. Já se diz que o governo bate palmas, por isso que vae ser agora a occasião de se executar um plano acalentado ha muito em *altas redigidas*. A policia do Porto está desacreditada? Pois bem. Reforme-se,

dando-se assim uma legitima satisfacção á opinião publica, como convem a um regimen constitucional, a governos liberaes.

Mas reforma-se nos moldes da policia de Lisboa! Os mesmos processos. Sempre os mesmos. E' evidente que nem Alves Correia, nem o Norte, pensaram nunca em favorecer planos liberticidas. Procederam com a maior independencia e com os mais nobres intuitos. Mas a verdade é que, indirectamente e sem talvez o julgarem, os favoreceram.

Succede um facto analogo com a lei de instrução secundaria. Antes de a combater é necessario indagar a quem mais interessa esse combate, e se d'ahi resulta um bem, ou um mal para o paiz. Reformemos, é claro, a esse combate em globo que toda a imprensa tem feito, a essa propaganda de simples descredito. Que se discutisse um ou outro ponto da lei e se pedisse a sua alteração, era correcto e preciso. Mas, salva uma ou outra excepção, não foi isso que se fez, nem é isso que se faz.

A quem interessa essa campanha de descredito, que abrange todo o regimen actual de instrução secundaria?

A' ignorancia. Ao relaxamento nacional. A' mandrice.

Isto é muito sério. Isto é muito grave.

E basta o facto, que deixamos apontado atraz, para demonstrar toda a seriedade e gravidade do caso. Pois então havendo tanto diplomado sem emprego, e sendo tão bom o logar do magisterio, não ha em Portugal homens para professores do lyceu?

Essa agora!... Ha empenhos e empenhos, ha pedidos ás duzias, aos centos, para professor do lyceu, *sem concurso*. Sem concurso! Todo o mundo se julga apto a ser professor do lyceu interinamente, interinidade que, para alguns, tem durado annos. Mas poucos são os que se julgam nas condições de vencer as provas de um concurso. Isto é uma vergonha. Não já uma vergonha meramente individual, não já um caso de pouco brio pessoal, mas uma vergonha nacional.

Para que serve tanto doutor? Que diabo aprenderam esses homens? Que diabo lhes ensinaram? O que valem as nossas escolas?

Que um homem seja advogado ou medico sem ter clientes, admitte-se. Que tenha o curso dos lyceus e não saiba latin, nem portuguez, nem historia, nem geographia, nem nada, nem tenha, ao menos, as bases precisas para chegar a saber, é que não se admite. O curso dos lyceus é um curso superior. Esses que se julgam incapazes de vencer as provas d'um concurso do magisterio secundario são, em regra, homens diplomados com um curso superior.

Ora valha nos Nossa Senhora. Isto é uma vergonha nacional.

E, depois, berra-se contra o regimen de instrução secundaria!

Vergonha das vergonhas. Continuamos a provar—provamo-lo em tudo—que somos um paiz d'orates. Ao mesmo tempo que clamamos contra o emprego-mania, que lamentamos a invasão do bacharel, que apontamos a ignorancia como uma das grandes causas da nossa decadencia, gritamos contra uma lei porque ella difficulta os estudos e prejudica os mandriões.

A gritaria contra a lei de instrução secundaria não tem outro motivo.

Já o ministro do reino a facilitou notavelmente, alterando-a com aquella circular—a tal pouca vergonha de alterar por meio de circulares leis votadas pelas camaras—que permittiu a passagem de classe com maioria de votos de *sufficiente*. Já ahí abaixou notavelmente a bitola. Mas os mandriões acharam pouco. E d'aquí a dois dias vamos ter nova lei de instrução secundaria com *satis-facções completas á opinião publica*. Vae ser uma borracheira. Mas é licito censurar o governo? E' decoroso? Não. O governo procede em harmonia com as reclamações de quasi toda a imprensa, incluindo—escusado seria dizelo—a imprensa democratica.

Isto é um paiz de insensatos, de malucos, que dizem e desdizem, que querem e não querem, ou, antes, que não sabem o que dizem, nem o que querem.

Era difficil, o regimen de instrução secundaria? Custava a vencer? Pois isso é que nos convinha. Fartos de doutores, que não sabem nada, estamos nós. Basta de idiotas. Como já disse, também trago um filho no lyceu. Não chega a doutor? Pois não ha de morrer de fome por causa d'isso, se elle fôr um homem. Se não poder ser doutor, será outra coisa. O que elle não será nunca, pelo menos enquanto eu fôr vivo, e tiver sobre elle o poder que a lei me concede, é padre ou militar. Nunca! Nem biltre, nem escravo. Um padre ha de ser sempre um hypocrita, quer queira, quer não queira. O militar arrasta sempre uma vida mais ou menos escravizada. Militar profissional, é claro.

Nem padre, nem militar. Mas será sapateiro, ou o que honradamente poder ser, se não fôr capaz de ser doutor.

Pois a lei põe limite ás padarias, para que os padeiros, sendo muitos, não morram de fome, ou não envenenem o publico com falsificações, e não ha de pôr limite aos doutores, que teem tanto direito a viver como os padeiros, e que, como falsificadores, são muito mais perigosos do que elles?

Se não querem fixar, por uma lei, o numero maximo de alumnos que, em cada anno, podem ser admittidos nas escolas superiores, como se faz já na Escola do Exercito e na Escola Naval, ao menos difficultem a instrução secundaria de tal forma que aos cursos superiores cheguem os mais intelligentes e os mais estudiosos.

Facilitem, propaguem, generalisem, aperfeiçoando-a, a instrução primaria. Façam da instrução primaria uma coisa aproveitavel e séria. Mas a instrução secundaria e a instrução superior difficultem-na, que é terna-la séria também. Difficultem-na, dando-lhe, ao mesmo tempo, um caracter pratico que lhe falta por inteiro.

Abandalha-la mais do que está, é, verdadeiramente, um crime de lesa-patria.

A. B.

**Dr. Francisco Concelro**

Lá vae a esta hora balouçando-se na immensidade das aguas, a bordo do *Ambaca*, com destino a S. Thomé, onde exerce, com a proficiencia que o distingue, o espinhoso cargo de juiz da 1.ª vara civil, este nosso presadissimo amigo e dedicado correligionario.

Na gare do caminho de ferro teve o dr. Concelro, na terça-feira, á noite, uma affectuosa despedida por parte de muitos dos seus amigos que alli o foram estreitar n'um intimo amplexo de cordalidade e sympathia. Entre outros, recorda-nos ter visto os srs. dr. Barbosa d'Andrade, Duarte Ferreira Pinto, alferes Calheiros, dr. Ferraz de Azevedo, barão do Cadore, Jayme Coelho, Egas Pinto Basto, Jacyntho Caldas, José Calheiros, Alberto Catalá, Antonio de Lemos, José Casimiro da Silva, dr. Adriano Pessa, José Marques d'Almeida, etc, etc.

Por parte da *Comissão Municipal Republicana* d'esta cidade estavam tambem os srs. Arnaldo Ribeiro, Manuel Marques da Cunha e José Gonçalves Gamellas, não podendo comparecer os restantes membros por se encontrarem ausentes.

Desçjamos ao nosso prestante correligionario o amigo uma feliz viagem e fazemos votos porque breve regresso a esta terra, onde é geralmente estimado, pelas excellentes qualidades de caracter que o caracterizam.

**DANTAS BARACHO**

O sr. general Dantas Baracho proferiu na ultima sessão parlamentar, como se sabe, tres discursos sobre questões militares, os quaes, colligidos em folheto, foram distribuidos por varios individuos, estabelecimentos e jornaes. Tambem nós o recebemos, embora, como aliás era nosso dever, não noticiássemos sem demora a recepção e não agradeçessemos a offerta, o que não fizemos, ainda que o lêssemos desde logo, porque era nossa intenção escrever com largueza sobre o assumpto. Depois, circunstancias varias foram adiando esse proposito, que não podemos cumprir contra nos sa vontade.

Agora apparece outra vez o sr. Dantas Baracho resolvido a tratar a sério a questão militar, como se deprehende dos esclarecimentos que sua excellencia acaba de requerer pelo ministerio da guerra.

O sr. Dantas Baracho, diga-se a verdade e faça-se a todos a divida justiça, dá com isso provas d'uma grande independencia e d'uma nobre isenção de caracter. Não é sua excellencia uma vestal. E é bom que o não seja. Na vida publica está demonstrado que não serve a pudicia. Ainda não conhecemos pudico nenhum que não seja um idiota. E, francamente, nós trememos com medo d'um idiota. Temo-lo dicto muitas vezes e não cessaremos de o dizer. Antes um tratante intelligente. A intelligencia é a melhor de todas as correções. Um tratante, sendo intelligente, contem-se, ou é susceptivel de se conter. Ainda pôde ser util á sociedade, sem deixar de ser util a si proprio. Mas o idiota é um valor nullo. Inteiramente nullo. Positivamente considerado. Nullo para o bem. Mas pôde ser terrivel, e é-o quasi sempre, para o mal.

Abrenuncio, pois. Com tal raça, nem para o inferno, nem para o céu.

Entre o pudico, porém, e o tratante, está o homem honesto e forte, d'uma honestidade simples e sã, sem alardes, sem refolhos, sem falsidades, sem preconceitos, que nem se faz corado e se benze quando o diabo lhe apparece a querer tenta-lo, nem se deixa dominar pela tentação, convertendo-se n'um pulha. Nem puritano, nem biltre. Nem preconceitos excessivos de honradez, que tornam o homem ridiculo, nem fraqueza deante do erro ou do crime, que se não deve deixar passar sem protexto energico e nitido, sem combate declarado e franco.

Quem escreve estas linhas detesta a raça dos homemsinhos que não tendo commettido nunca um peccadillo na sua vida, são, no emtanto, incapazes de lutar intrepidamente, com denodo, contra o vicio, a indignidade, ou a infamia, se as encontram no caminho. Que são incapazes d'um grande rasgo, d'um acto magnanimo ou corajoso. Em elles sendo *impeccaveis*, é sabido que não prestam para nada. E esta verdade é tão profunda que lá diz a philosophia popular: *Deus nos livre das boas pessoas*.

Ora o sr. Dantas Baracho não é uma *boa pessoa*. Incontestavelmente. Não é uma vestal. Não é um pudico. Mas tem bastantes das qualidades que caracterizam os homens. E, francamente, é de homens, sobretudo, na accepção viril e intrépida do termo, que a sociedade portugueza necessita.

Saberá o sr. Dantas Baracho aproveitar as qualidades pessoases, de que é dotado, em favor da sua patria e do seu proprio nome?

Para isso não basta coragem, intrepidez, espirito insubmisso, caracter de independencia. E' precisa uma coisa mais util, que falta geralmente. Que tem faltado aos proprios homens qualificados n'esta terra de grandes talentos. E' preciso vêr, com clareza, onde está a origem mais importante do mal que nos afflige. Onde estão as necessidades capitães d'esta patria infeliz. Saber caminhar direito ao mal, com energia e firmeza. E saber applicar o remedio, com sciencia e consciencia.

Vêr isso bem, é difficil. Todos os nossos homens publicos, entre os quaes alguns de incontestavel sinceridade, de manifesta boa fé, se teem perdido n'esse ponto. Desvaíram. Perturbam-se. Desorientam-se. Quer monarchi-

cos, quer republicanos. Está-se vendo isso a cada instante.

Desvaíram a ponto de combater a verdade, quando julgam combater o erro. Desorientam-se até retroceder, quando imaginam avançar. Perturbam-se até ao espectaculo indecoroso de contradicções estupidas, e incongruencias vergonhosas e ridiculas.

O sr. Dantas Baracho desligou-se dos actuaes partidos monarchicos, mas ficou sendo monarchico. Espera que a força da opinião provoque a constituição d'um outro partido? Que leve a monarchia a transigir com o espirito liberal do nosso tempo? Que faça melhorar os erros d'administração até agora commettidos? Eis a illusão. Nem movimentos pacificos, nem movimentos revolucionarios, poderão cogir a monarchia a mudar de rumo. Admittir, como teem admittido tantos homens, aliás de incontestavel talento, que a monarchia poderia exercer entre nós, o papel evolutivo que tem exercido na Inglaterra, o papel civilizador e patriota que tem exercido na Allemanha, sem deixar de ser considerada n'esses proprios paizes um regimen meramente de transição, foi e é um erro. Nem poderia, nem pôde ser isso a monarchia portugueza, nem *nenhuma monarchia catholica*.

A monarchia catholica é um elemento de reacção, como o proprio catholicismo. Como elle, um elemento incompativel com o progresso d'estes tempos. Como elle, inimiga da liberdade e da civilização. Como elle, um elemento perturbador no seio das sociedades modernas.

Não comprehendem isto os que dizem que *querem muito ao culto catholico*, os que affirmam que tanto *faz haver monarchia como republica* *quanto que haja homens*, os que compararam a monarchia portugueza com a monarchia ingleza, admittindo a hypothese *d'aquella poder ser esta*. Não o comprehendem. Mas nem por isso deixa de ser esta a verdade.

Nós precisamos muito de politicos com as bellas qualidades viris do sr. Dantas Baracho. Mas a essas qualidades não são indifferentes as instituições. Nas instituições monarchicas definham, perdem-se, morrem, como tido quanto sabe do seu meio natural. E tem se visto. Seria ridiculo affirmar que teem faltado todas essas qualidades a todos os homens que teem servido a monarchia. Comtudo, elles nada fizeram. Pelo simples motivo de que nada podiam fazer.

O sr. Dantas Baracho, pois, não saberá ser util á sua patria nem ao seu proprio nome se persistir na illusão, no absurdo, diremos, de harmonisar as aspirações d'um povo euro-peu do seculo vinte, por mais atrazado que elle esteja, com as tradições e os interesses d'uma monarchia catholica.

No emtanto, n'alguma coisa se distinguirá o sr. Dantas Baracho dos monarchicos do seu tempo, e, sobretudo, dos seus camaradas do exercito: é que protesta com energia, com altivez, e, supponnos nós, com sinceridade.

O sr. Dantas Baracho não é, ao menos, um general pintado, um cynico accommodando-se com qualquer coisa, um creado de servir com libré de official do exercito.

Basta isso para o distinguir, tornando-o credor das sympathias publicas e dos applausos de todos os patriotas e de todos os homens de bem.

Pela nossa parte, não lh'os regateamos.

Elles ahí ficam.

**PETROLEO**

Chegou já a esta cidade uma importante remessa de petroleo consignada ao nosso amigo sr. Albino Pinto de Miranda, conceituado negociante da nossa praça, que por dois annos exerceu aqui o logar de representante da *Colonial Oil Company*, o qual teve de abandonar por falta de cumprimento da parte da companhia no contracto que existia.

E como o preço é em egualdade de circunstancias, é bom que se siga o rifão portuguez:—*Primeiro os nossos*.

**Benemeritos da Instrução**

O intelligente e honrado João Jacintho Fernandes, ha pouco fallecido, e a cujas qualidades de intelligencia e de caracter já prestámos aqui homenagem, deixou em testamento *oito centos mil reis* á benemerita *Associação das Escolas Mo-veis pelo methodo de João de Deus*, com sede em Lisboa.

Um dos seus herdeiros, o sr. Antonio Jacintho Fernandes, completou esse acto bizarro em favor da instrução do povo doando á mesma Associação uma propriedade que em testamento lhe deixara o mesmo sr. João Jacintho Fernandes, no valor de quatro contos de reis, e isso como homenagem á memoria do fallecido, cujo patriotismo e amor aos progressos do paiz eram apreciados de quantos o conheciam.

Actos d'esses não podem deixar de ser registados na imprensa que toma a peito o seu papel social.

Os estrangeiros ricos, como temos demonstrado muitas vezes n'este semanario, teem muito por costume legar importantes donativos á instrução dos seus paizes. Donativos collossaes, que chegam a attingir com frequencia milhares de contos. Não faltam exemplos de grandes millionarios, que deixaram toda a sua fortuna á fundação, ou dotação, de escolas e estabelecimentos scientificos.

Em Portugal, paiz atrazadissimo, onde se não comprehendem ainda que a cultura é a grande alavanca do progresso, e que só por ella se explica o grande avanço dos povos da vanguarda, os ricos preferem deixar legados ás confrarias para lhes mandarem rezar missas por alma.

E' por isso que os poucos actos de excepção que apparecem, como esses dos srs. João Jacintho e Antonio Jacintho Fernandes, devem ser registados pela imprensa, e calorosamente applaudidos, não só pelo que representam de intelligencia e altruismo n'aquelles que os praticam, mas como incitamento e estimulo a tanta gente rica que talvez se resolva a seguir esse caminho, se para ahí lhe chamarem a attenção.

O papel da imprensa, n'esse sentido, é importantissimo

Pelo que nos toca, ahí fica o nosso registo e os nossos mais vivos applausos.

**DAS PRAIAS**

Já teem regressado muitas familias que se achavam a banhos nas praias do nosso littoral.

Não que as manhãs já vão apparecendo frias e a epiderme requer agasalho.

**No Sul de Angola**

Foi com a mais viva impressão que se soube n'esta cidade o desastre succedido ás nossas tropas na Africa Occidental, tanto mais quanto é certo que fazia parte da expedição um bello moço d'esta terra, o mallogrado tenente Francisco Rezende, que ha dois annos tinha seguido para o ultramar em serviço n'aquellas inhospitas regiões.

Outros companheiros tiveram igual sorte quando a obrigação os mandava combater contra os cuanhamas, gente aguerrida e bem armada, junto ao rio Cunene, em que as nossas tropas foram apanhadas de surpresa ás 9 horas e meia da noite do dia 29 do mez findo, e cruelmente trucidadas na quasi toda a sua totalidade.

Na embuscada tambem foram victimas os tenentes Alberto Themudo e Adolpho Ferreira, que ambos serviram aqui ha pouco tempo em cavallaria 7.

Não queremos agora imputar responsabilidades a ninguem do desastre succedido, reservamo-nos para mais tarde o fazer; no emtanto, sempre vamos dizendo como é que se manda 1:800 homens contra 50:000 armados com espingardas *Mauzers* e munições importantes.

Fallaremos depois de se apurarem as responsabilidades. Agora tudo é embrullhada.

**EPEMERIDES DEMOCRATICAS**

3 D'OUTUBRO.—Amar lê na tribuna da Convenção uma longa e formidavel accusação contra os girondinos, 1793. E' mandada comparecer novamente perante o tribunal revolucionario, Maria Antonieta, 1793.

4 D'OUTUBRO.—Acção do Pico do Cellerio batendo as guerrilhas miguelistas, submettendo toda a ilha Terceira ao governo constitucional, installando-se uma junta provisoria do governo presidida por Cabreira, 1828.

5 D'OUTUBRO.—A *Convenção* substitue, 1793, ao calendario gregoriano o calendario republicano, baseado, tanto quanto possivel, no systema decimal de pesos e medidas que pouco antes havia sido adoptado. O mez era dividido em tres periodos de dez dias cada um (*primidi, duodi, tridi, quartidi, quintidi, sextidi, septidi, octidi, nonidi e decadi*) primeiro dia, segundo dia, terceiro dia, quarto dia, quinto dia, sexto dia, septimo dia, oitavo dia, nono dia, decimo dia. Era a decada em vez da semana. Os antigos nomes dos mezes foram substituidos pela simples designação de *primeiro mez, segundo mez, etc.* A 25 de outubro, que era o quarto dia do segundo mez—o primeiro mez da Republica era setembro—Fabre d'Englantine propoz, e a Convenção adoptou, nomes mais poeticos para os mezes, que se ficaram chamando, a partir de setembro: *vindemario, brumario e primario*, para designar a estação das vindimas, das brumas ou nevoeiros e dos frios; *nivose, pluviase e ventose*, para designar a epocha da neve, da chuva e do vento, de dezembro a março; *germinal, floreal e praerial* para designar o tempo em que sobe a seiva, em que desabrocham as flores, em que seccam os prados, de março a maio; *messor, thermidor, fructidor* para designar os mezes do calor e dos fructos. Substituiram o nome dos santos pelos das plantas, dos metaes, dos animaes e instrumentos de agricultura. Cada anno terminava por cinco dias complementares chamados *Sansculotides*, ou das festas consagradas á *Virtude, ao Genio, ao Trabalho, á Opinião e ás Reconpensas*. De quatro em quatro annos, um sexto dia de festa era adicionado aos precedentes para marcar a concordancia do anno civil com os movimentos celestes. Chamou-se-lhe o dia da *Revolução* e o periodo de quatro annos, no fim dos quaes a addição era portanto ordinariamente necessaria, foi chamada a *Franciaada*, em recordação dos quatro annos de exorfos, que tinha custado ao paiz a proclamação da Republica.

O general Silveira, marquez de Chaves, acclama D. Miguel rei absoluto em Villa Real, sendo secundado pelos pronunciamentos militares de Vizeu, Villa Pouca e Algarve, 1826.

6 D'OUTUBRO.—D. Maria II dá o golpe d'estado, conhecido na historia contemporanea pela *emboscada*, 1846.

Depois da mallograda revolta de Torres Novas, que teve por chefe civil José Estevão, a revolução do Minho, conhecida pela *Maria da Fonte*, fez cahir os Cabraes, que embarcaram para o estrangeiro, tendo a rainha de abater a prôa, submettendo-se. Nomeou um ministerio de conciliação, em breve substituido por outro anti-cabralista, assim constituído: Duque da Palmella, presidencia; Joaquim Antonio d'Aguiar, justiça; Julio Gomes da Silva Sanches, reino e fazenda; José Jacintho Valente Farinho, justiça; D. Manuel de Portugal e Castro, marinha e estrangeiros. Mandou igualmente chamar os coronéis que tinham sido pelo ministerio liberal destituídos do commando, reintegrou-os nos seus logares e ordenou-lhes que se apresentassem n'essa mesma noite nos respectivos quartéis, procurando, pela sua influencia sobre os soldados, subtrahi-los á obediencia aos coronéis, que estavam no exercicio legal das suas funções.

Os coronéis conspiradores assim fizeram, conseguindo uns os seus intentos e outros não.

Ao mesmo tempo o novo ministerio, fazendo prender os membros do ministerio liberal, proclamava a carta de 1826, perfeito logro da revolução atraiçoada pela realza, suspendia as garantias individuais, prohibia a publicação de varios jornaes e dissolvía e desarmava a *Guarda Nacional*, ultima das garantias populares n'este paiz.

Esta *emboscada* provocou a maior revolução do reinado de D. Maria II, a *santa senhora* que tanto sangue fez derramar para impôr a sua vontade.

Entra em Coimbra, 1840, o coronel Trant, aprisionando os francezes que estavam doentes no convento de Santa Clara.

Os francezes do exercito de Massena commetteram em Coimbra, em marcha para o sul, depois da batalha do Bussaco, as maiores atrocidades. Queimaram propriedades, mataram homens, violaram mulheres, enfim, entraram-se aos maiores crimes e ás mais horrosas barbaridades. A uns matavam-nos

sangrando-os como a porcos, a outros abriam-nos á machadada, a estes penduravam-nos nas arvores queimando-os a fogo lento, áquelles enforcavam-nos á vista das mulheres e dos filhos, violavam donzellas aos olhos dos paes, mulheres na presença dos maridos, etc. Um horror.

Tamanhas atrocidades provocaram nos portuguezes uma ancia tal de vingança, que quando os milicianos de Trant invadiram Coimbra, o seu primeiro impeto foi assaltar o convento de Santa Clara, onde tinham ficado centenas de francezes doentes. Estes, vendo a morte certa, resistiram, travando-se na noite de 5 para 6 uma lucta terrivel.

A 6. de manhã, chegou Trant, com o resto dos milicianos, e immediatamente os francezes capitularam. A sua vida, desde esse momento, era sagrada. Mas os milicianos, commettendo um crime egual ao que os francezes tinham commettido com os portuguezes, mataram-nos horrorosamente, praticando sobre elles, por seu turno, as maiores barbaridades.

E não falta quem agradece a guerra como escola de grandeza e generosidade!

7 D'OUTUBRO.—Suspensão das garantias constitucionaes e dissolução da Guarda Nacional; José Estevão e Cesar de Vasconcellos sahem de Lisboa para revolucionar Santarem; o duque da Terceira é nomeado logar tenente da Rainha nas provincias do norte; 1846.

Gambetta sabe de Paris n'um balão a fim de organizar nas provincias a resistencia á Prussia, 1870.

A catastrophe de Sedan tinha posto fim ao primeiro periodo da guerra, aquelle a que Freycinet, no seu bello livro *La Guerre en Province*, chama o *periodo imperial*. Os dias que se seguiram foram, por assim dizer, de repouso. A França já não tinha exercito algum para oppôr á invasão. Aproveitando-se d'essa fraqueza, os prussianos avançaram impetivamente até Paris, onde chegaram a 19 de setembro, começando n'esse mesmo dia a estabelecer o cerco.

O governo da Deputação Nacional, governo republicano, que tinha succedido ao imperio a 4 de setembro, preparou-se para sustentar o cerco. Emquanto os seus diplomatas iam debalde pedir a Bismarck uma paz aceitavel, os seus homens de guerra concentravam na capital os raros recursos que a França possuia ainda, 40.000 homens do corpo d'exercito do general Vinoy, 400.000 guardas nacionaes moveis dos departamentos, alguns milhares de marinheiros, tudo o que nos quadros restava de officiaes, e o que restava de material e de munições. A opinião geral era que só Paris poderia offerecer uma resistencia seria. Contudo, uma delegação do governo composta de Crémiér, Glais-Bizoin e Fourichon installou-se a 16 de setembro em Tours, para organizar e dirigir os serviços da provincia.

Esta pobre commissão encontrou-se sem um unico regimento de infantaria e de cavallaria e sem artilheria. Ao todo, n'esse momento, havia em França, aparte Paris, seis peças de artilheria nas condições d'entrar em combate. As outras, ou não tinham reparos, ou não tinham pessoal, ou não tinham atrelagens.

A delegação fez vir d'Africa as primeiras tropas e tratou de organizar regimentos em varios pontos do territorio. Assim constituiu, em pouco tempo, o primeiro nucleo do exercito do Loire, na força de trinta mil homens. A seguir, constituiu nos Vosges outro pequeno exercito e outro nas provincias d'Oeste.

Eram forças insufficientes. A opinião publica começava a inquietar-se. E é então que Gambetta, com poderes extraordinarios que lhe conferiram os seus collegas do governo, resolve sair de Paris, cercada pelos prussianos, em balão, o que levou a effeito no dia 7 de outubro, perante uma multidão enorme, que saudou o aeronauta com gritos repetidos e entusiastas de *Viva a Republica*, inscripção da bandeira que fluctuava na barquinha arrastada pelo balão.

O que este homem, animado do espirito republicano, conseguiu, mal se imagina. O *Spectator*, o mais auctorizado jornal inglez em questões militares, publicava a respeito de Gambetta um artigo que, depois do reconhecimento caloroso dos grandes serviços e do extraordinario valor do ministro francez, terminava com estas palavras: «Agora que os nossos leitores julguem se o homem,

que fez tudo isso pelo seu paiz, que mostrou a energia d'um Jacobino (donde se vê que os inglezes não desprezam os jacobinos) e a moderação d'um ministro inglez merece ser desprezado. Nós só desejamos que a Inglaterra, quando soar para ella a hora do perigo, encontre um homem com as virtudes de Gambetta.»

Von der Goltz, uma das summidades militares da Alemanha, depois de ter posto tambem em relevo os serviços pasmosos de Gambetta, no seu livro *Gambetta e os seus exercitos*, termina a sua apreciação do ministro republicano com estas palavras:

«Se, o que Deus não permita, a nossa patria um dia soffrer um desastre egual ao de Sedan, eu só desejo que n'ella se levante um homem capaz de suscitar uma resistencia desesperada, tal qual Gambetta a desejava.»

E singular que ha mais d'um seculo sejam os republicanos os unicos capazes de transformar a França, levantando-a d'um povo abatido e perdido a um povo invencivel e heroico.

E ainda troçam os cynicos e os ignorantes dos *immortales principios*.

8 DE OUTUBRO.—Chega a Lisboa o Gamões, portador de decreto de 3 de julho, pelo qual D. Pedro nomeia, no Rio de Janeiro, D. Miguel seu logar tenente em Portugal.

9 DE OUTUBRO.—São enforcados no Porto, na Praça Nova, 1829, Clemente de Moraes Sarmento, sargento de Caçadores n.º 10, natural de Aveiro, e João Ferreira da Silva Junior, natural de Albergaria-a-Velha.

As cabeças dos infelizes, cortadas depois de enforcadas, estiveram tres dias expostas na forca e, depois, foram espetadas em postes e collocadas de frente das janellas das habitações da familia das victimas.

Que horror!

Restabelecimento da antiga lei eleitoral; dissolução das camaras; o duque da Terceira é preso ao chegar ao Porto, 1846.

Quereis subir todas as rampas sem vos fatigardes? Compras a bicyclete

A "OSMOND,"

CONTRIBUIÇÕES

Termina amanhã o praso para as reclamações das matrizes de renda de casas e sumptuaria.

Até este dia está o livro da matriz exposta ao publico, podendo reclamar sob o seguinte:

- 1.º—Erro na designação das pessoas e moradas;
- 2.º—Erro na designação da ordem da terra;
- 3.º—Injusta designação do valor locativo das casas de habitação, por não estar conforme com o rendimento collectavel, inscripto na respectiva matriz predial urbana;
- 4.º—Injusta designação do objecto ou objectos sobre que recae a contribuição sumptuaria;
- 5.º—Cessação das rendas das casas de habitação, sujeitas á contribuição de renda de casas, ou dos objectos sujeitos á contribuição sumptuaria, no todo ou em parte, em um, dois ou tres trimestres no anno;
- 6.º—Erro de calculo no lançamento das collectas de contribuição de renda de casas, ou contribuição sumptuaria e nos respectivos addicionaes;
- 7.º—Indevida inclusão ou exclusão de pessoas.

Quereis ter uma bicyclete distincta em solidez, elegancia e tevezza? Compras

A OSMOND

cumstancias de que reza o poeta, quando diz:

*Formosum pastor Corydon ardebat Alexim; Delicias domini: nec quid speraret, habebat.*

Rimão d'Ornellas, que se ia vestindo á medida que ia fallando, fez aqui pausa para despendurar do gancho a couraça, que envergou immediatamente sobre o amarrotado pelote. Em seguida continuou,

—Oaves, ou não oaves, Diogo Botelho? Estás sorumbático e derribado; parece que dormes. Acorda, homem, acorda para aqui dares comigo testemunho de que mente e remente mestre Diogo de Teive, quando diz que os versos virgilianos são verdadeiro nectar e ambrosia, *verum nectar et ambrosia*. A mim me pareceram sempre fel; e tanto que, por mais que faço ha cinco annos, sempre elles se me asedaram no estomago do entendimento. E que razão tenho eu e não o mestre, *probo*. Haja vista o estado em que n'aquella dita occasião ficaste, apesar d'aquelles dois versos te virem mesmo a todo o geito do teu caso. Ficaste um leão de Ceuta, um tigre de Ganges. Querias matar, assollar, despedaçar, fazer tudo em ca-

José Dias da Silva

Recebemos um numero unico, dedicado ao illustre villafranquense José Dias da Silva, pelos seus amigos o admiradores.

Sem termos a honra de conhecer o sr. Dias da Silva, vemos pelos artigos da publicação a que nos estamos referindo, firmados alguns d'elles por nomes muito nossos conhecidos, que se trata d'um homem honesto, intelligente e activo, que na camara municipal de Villa Franca tem prestado relevantes serviços aos povos d'aquelle concelho.

Ora eis um benemerito. De *litteratos* estamos nós fartos até aos olhos. O que nos falta são homens intelligentes, cultos, e de espirito pratico, com abnegação, honradez e actividade para produzir muito e bem, demonstrando na vida publica a excellencia dos principios democraticos que advoquam.

Eis o que nos convem.

Por isso folgamos muito em saber que ha em Villa Franca de Xira um republicano n'essas condições, juntando os nossos louvores aos d'aquelles que subscrevem os artigos da publicação a que nos estamos referindo.

Quereis possuir a melhor bicyclete do mundo? Compras

A "OSMOND"

Fallecimentos

De idade já avançada, falleceu n'esta cidade a esposa do nosso velho e honrado amigo, sr. Joaquim Martinho Girão.

Acompanhamo-lo na dôr porque acaba de passar.

Seccumbiu em Ilhavo, depois d'uma prolongada doença, o sr. Pedro Bernardino Pimentel Calixto, que exerceu cargos importantes.

A todos os seus os nossos sentidos pezames.

Tambem falleceu ha dias n'esta cidade, um menino de 8 mezes, filho do sr. tenente Arthur Castro.

COLYSEU FIGUEIRENSE

Fechou com chave d'ouro a epocha tauromachica no Colyseu Figueirense, com a 6.ª corrida, sendo os lidadores amadores que tiveram de lutar com um curro, pertencente á Companhia das Lezirias, que, se pôde dizer, nenhum d'elles desmanchava o grupo, pois que eram muito eguaes, bem tratados e de bonita estampa. Damos em seguida os nomes dos bellos bichos pela ordem da saida: 1.º «Marujo», 2.º «Capello», 3.º «Charneco», 4.º «Janota», 5.º «Vinheiro», 6.º «Caneco», 7.º «Camarinho», 8.º «Esquerdo», 9.º «Montijo», 10.º «Gigante».

Eram 4 e meia da tarde, quando entra na arena a tradicional mula com as farpas, conduzida pelos forçados; depois de que se procedeu ás cortezias feitas pelos distinctos cavalleiros amadores, Augusto d'Assis, José Barreiros, Fernando d'Almeida e João Marcelino, que as executaram com luzimento, sendo muito victoriados. Pertenceu o 1.º a Augusto d'Assis, que farpeou com elegancia e arrojo, conseguindo prender dois ferros á tira, outros á volta e um curto, ouvindo uma grande ovação. Foi pegado por Paxinta (cabo) de cara, mas sem bri-

lho por citar muito curto, não dando terreno ao boi, no que foi incitado pelos seus collegas, resultando não haver uma pega digna de menção; em todo o caso mostraram coragem, misturada com um bocadinho de receio. O 2.º foi para José Barreiros que empregou quatro ferros á volta e um curto. Foi pegado de cara. O 4.º, farpeado por Fernando d'Almeida, foi *mimoseado* com quatro ferros á volta. Foi pegado de cara, mas muito curto. João Marcelino a quem coube o 5.º prendeu ferros á tira, volta e teve uma boa *estribeira*, remattando com um curto. Foi pegado á volta muito bem, mas depois da primeira tentativa. O 6.º, que pertencia a Augusto d'Assis, não deu cavallo, apezar de despertado com um par meia de D. Ruy de Sequeira. Foi mandado recolher, o que não achamos justo, pois que poderia dar um bom toureiro a pé. José Barreiros foi para o 7.º que era voluntario e de bom sangue, conseguindo prender quatro ferros á volta e um curto magistralmente collocado. Foi pegado regularmente á segunda tentativa. O 9.º pertenceu a Fernando d'Almeida, que por mais que apertasse, o bicho a nada se moveu, mas mudando de montada, conseguiu prender tres ferros á volta e um curto bem preso. Teve João Marcelino o 10.º que pouco pode fazer por o boi se desembrolar, conseguindo empregar alguns ferros de valor. 3.º e 8.º pertenceram aos distinctos bandarilheiros amadores, D. Ruy de Siqueira e Paulo David, que trabalharam com primôr, tendo de especialisar uma gaiola de D. Ruy.

A nota saliente da tourada, foi o serviço prestado pelos filhos do sr. Emilio Infante, como campinos a cavallo, recolhendo os touros depois de farpeados! São duas creanças, ainda imberbes que mostraram coragem e arrojo inaudito; pois por vezes tiveram de aguentar com os pampólhos, as feras nas suas arremettidas! foi um trabalho que bastante agradou, manifestando-se toda a praça em geraes applausos aos arrojados rapazes.

Todos os amadores foram muito victoriados, recebendo valiosos brindes. Só temos a dar parabens á Empreza pelas brilhantes corridas que nos proporcionou na presente epocha.

A. R.

Quereis fazer uma longa viagem sem vos fatigardes? Compras a bicyclete

A "OSMOND"

SAL

Está a safra terminada. Comquanto a muitos lhes pareça pouco a producção d'este anno, a ria encontra-se pejada de montes, o que leva a crêr que deve crescer muito sal, attento ao preço subido que ainda se conserva, o que faz economisar mais ao consumidor.

O que podemos asseverar é que quem vender já, lucra com o negocio.

O seu preço actual é de réis 30.000 o barco.

«POVO DE AVEIRO»  
Em Lisboa, vende-se na tabacaria Monaco.

Rouba a moça, Diogo. Mau mez para que seja freira; que importa? Na Madeira ninguém o sabe: dá-a lá por uma donzella fidalga com quem estás jurado, recebe-a por mulher, e depois que te associem ás botas, que a tamanha distancia quero saber quem ha-de dar conta do caso. E' este o meu parecer; de outra sorte não vejo furo, porque isto de ser freira é como quem diz asno morto cevada á colla.

—*Talia fatu*—continou Simão d'Ornellas gravemente—assim digo. Tu abraças o alvitre, assim se decide, e fica esperada a occasião. Mas não foi só n'isto que te mostrei quanto sou ciceroniano e homem de grande siso. Volves tu:—

—Simão d'Ornellas, bom é teu parecer, e a elle me atenho, que me dá aso de me vingar bem vingado d'aquelle ribaldo Moura, que, só para me damnar, matou a felicidade da filha, fazendo-a freira. Mas, homem, agora me acorda. Estes amores são bem publicos e sabidos; ora se roubou Beatriz ao convento, e desapareço da terra ao mesmo tempo que ella, logo dirão que fui eu; e o conde de Cantanhedo fará logo despachar tal alçada que de força se'ri colhido.

A nossa cartelra

Da praia de Espinho regressou com sua esposa e filhas o sr. dr. Antonio Carlos da Silva Mello Guimarães, digno conservador do registo predial.

—Da mesma praia regressou tambem, acompanhado de sua familia, o sr. Francisco Augusto da Silva Rocha, esolarecido professor da escola de desenho, Fernando Caldeira.

—Com sua familia regressou de Agueda a esta cidade, o sr. padre José Marques de Castilho, digno director da Escola Districtal d'Aveiro.

—Estiveram em Aveiro, os ars. Manuel dos Santos Patto, Antonio Simões Ferreira de Lima e Manuel Marques d'Almeida Bastos.

—A tratar de negocios da sua casa está em Lisboa, o sr. Delfim Pereira da Costa, do Porto.

—Fez annos a sr.ª D. Maria José de Azevedo Ferreira Pinto Basto, esposa do sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto, zeloso presidente da camara municipal de Aveiro.

—Da Costa Nova, regressou á sua casa de Anadia, com sua ex.ª esposa e filhos, o sr. Mario Duarte, digno empregado superior dos impostos.

—De Espinho regressou a esta cidade o sr. Manuel Marques da Cunha, abastado capitalista.

—Regressou ao Porto o sr. José Ferreira Gonçalves, considerado necciente d'aquella cidade.

—Retirou já das Caldas da Rainha para Guimarães, o nosso amigo sr. Antonio Candido Moreira, que na sua passagem desceu n'esta cidade para cumprimentar sua familia.

—Com sua familia regressou da praia do Pharol, o sr. dr. José Rodrigues Soares, digno professor do lyceu d'esta cidade.

Falta de espaço

Por absoluta falta de espaço não podemos publicar a carta que recebemos do ex.º sr. Manuel Dias Seabra, de Eixo, o que faremos no proximo numero.

Abundancia

Não podia ser maior a colheita do vinho na nossa região.

O melhor vende-se por 500 réis os 20 litros, mas outro ha que até o offerecem a 350 réis.

UMA LEMBRANÇA APENAS

JOAQUIM Ferreira Martins, (o Gafanhão), vem pedir aos seus illustres freguezes, e ao publico em geral, que não se esqueçam de fazer as suas encomendas dos bons gabões feitos n'este estabelecimento, tanto no bom acabamento do trabalho como em fazendas.

Em preços ninguém os faz mais baratos em Aveiro.

Rua da Costelra

BILHAR

VENDE-SE um ainda em muito bom uso com todos os seus accessorios. Quem pretender dirija-se a Joaquim Ferreira Felix, Aveiro.

—Assim é—von-te logo á mão, e nota bem que foi de súbito e sem um momento sequer para pensar—assim é. Mas para tudo ha remedio, menos para a morte: mau mez para ella Ora tu bem sabes, amigo Diogo; que eu sou d'aquelles que vim para esta perra Universidade *volente ac violenter*. Meu pae, que é homem de grandes annos, está atacado, segundo me escrevem, por uma enfermidade mortal. Assim não poderá viver muitos dias, e eu estou determinado a, logo que elle feche os olhos e passe para além da *irremediabilis unda*, pôr-me ao fresco e ir visitar as moças da Calheta e tomar os ares da uossa ilha. Levarei eu, pois, D. Beatriz, e tu ficarás alguns dias atraz para maior engano.

—Assim disse—continou gravemente Simão d'Ornellas—tu tomaste-me nos braços para me agradecer o alvitre. Por signal que me ias metendo as costellas dentro. Assim ficou pois assentado, errou-se o conselho, *et totum nutu tremefactis Olympus*, e logo de nós ficou tremendo Alvaro de Moura e toda a demais parentella. (Ah! perro de Diogo de Teive, que dirias tu se assim me ouvisses trazer?)

(Continúa)

FOLHETIM

A CALDEIRA DE PERO BOTELHO

POR ARNALDO GAMA

—Não agradou nos paes da sobredita lhora o tal conhecimento. Affigurou-se-lhes que a coisa era assim a modo de corsario berberesco, que pretendia entrar-lhes a cavallaria, e após fazer-se ao largo com a carga, deixando a embargada avariada. D'aqui dares e tomares, perrarias, reroques, esperas, *et cetera ut constant*. Mas nada feito. Emperraram elles, emperraste tu, emperrou a moça. *Inde argivorum erit*; d'aqui os desgaisados que seguiram, e que pararam por fim de contas em ser a Oriana obrigada a entrar freira no mosteiro de Callas. E tu logo nos felicissimas e invejáveis cir-

# METHODO JOÃO DE DEUS

LEITURA

- Primeira parte—Cartilha Maternal ou Arte de Leitura**—16.<sup>a</sup> ed., cart. 300 réis, broch. 200
- Album**, ou livro contendo as lições da *Cartilha Maternal* em ponto grande 53000
- Quadros Parietaes**, ou as mesmas lições em trinta e cinco cartões. 63000
- Segunda parte—Os Deveres dos Filhos**—16.<sup>a</sup> ed., cart., 300 réis, broch. 200
- Guia prático e teórico da Cartilha Maternal**—1 vol. de 170 pag., compilado por João de Deus Ramos..... 160

ESCRIPTA

- Arte de Escripção**—(2.<sup>a</sup> ed., melhorada), 9 cadernos com algumas explicações práticas, cada. 30

Livros de polémica sobre o Methodo

- A Cartilha Maternal e o Apostolado**..... 500
- A Cartilha Maternal e a Crítica**..... 500

Do mesmo auctor:

LITTERATURA

- Campo de Flôres**—Poesias prefaciadas e coordenadas por Theophilo Braga, 3.<sup>a</sup> ed. 700
- Prosas**—Coordenadas por Theophilo Braga..... 800

DEPOSITO GERAL

Largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.<sup>o</sup>—LISBOA

As livrarias, municipios, institutos de ensino, etc., que requisitarem no Deposito geral das obras escolares de João de Deus mais de 20 exemplares, terão a seu favor o desconto de 20 por cento; 500 exemplares (podendo ser 250 da Cartilha e 250 dos Deveres, ou em porções designaes d'estes livros), 25 por cento; assim como de 1 a 9 colleções de Quadros Parietaes, ou de Albums, 20 por cento; 10 colleções, 25 por cento.

A EXPOSIÇÃO ORAL DO METHODO faz-se em cursos mensaes (gratuitos) na casa da viuva de João de Deus, rua João de Deus, 13, 1.<sup>o</sup> (á Estrella), onde poderá inscrever o seu nome quem deseje conhecer com exactidão a Cartilha Maternal, ou a Arte de Escripção.

A VENDA EM QUASI TODAS AS LIVRARIAS

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

—DE—

Albino Pinto de Miranda

(LARGO DE MANUEL MARIA)

AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Sortido completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e estrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chourissos do Alemtejo e banha da terra. *Chumbo, cartuchos e mais petrechos para caça*, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc, etc.

Pechinchas para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A 450 E 360 REIS A DUZIA, e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

## MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas tem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RU DE JOSÉ ESTEVÃO—79

MACHINA MARINONI

COMPRA-SE uma já usada, convindo em preço. Carta a esta redacção com as condições.

BAGAÇOS ALIMENTARES

VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os melhores bagaços para alimentação de todos os animaes.

PADARIA FERREIRA & MACEDO AOS ARCOS AVEIRO

NESTE estabelecimento de padaria, especial no seu genero em pão de todas as qualidades, se encontra á venda:

Pão proprio para os diabeticos, pão torrado e ralado, café de 1.<sup>a</sup> qualidade, a 720 réis cada kilo; dito de 2.<sup>a</sup>, a 480; chá, desde 18600 a 33600 o kilo; massas alimenticias de 1.<sup>a</sup> qualidade, a 140 o kilo; ditas de 2.<sup>a</sup>, a 120; velas marca Sol, cada pacote, a 180; ditas marca Nuvia, a 170; bolachas e biscoitos, pelos preços das principaes fabricas da capital.

Vinhos finos e de meza, por preços modicos.

Todos estes generos se mandam a casa do consumidor á hora que o exigir.

Aos agricultores

Adubo organico para terras, vende-se a retalho e em saccas de 75 kilos, no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas, á Praça do Peixe—AVEIRO.

Este adubo, com resultados maravilhosos para a cultura das terras, convém especialmente para as terras calcareas, dependendo a quantidade a empregar-se da qualidade do terreno a que for applicado. Tratando-se d'uma cultura importante é conveniente submeter a analyse da terra ao agronomo da localidade para elle estabelecer essa quantidade.

José Monteiro Telles dos Santos J.



DENTISTA MECANICO

Colloca dentes e dentaduras artificiaes. Conserta qualquer dentadura partida, ou a que felle qualquer dente; obtura a ouro, prata, platinica, e a cimento, tudo por preços baratos. Não se recebe qualquer quantia ficando o trabalho imperfeito.

RUA DA COSTEIRA (Em frente da Estátua de JOSÉ ESTEVÃO)

Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa.

Esta empresa previne os criadores de que recebe gado para açougue nas epochas proprias pelos preços que constam do seu contracto.

Venda de productos do matadouro de Lisboa, sangue secco e pulverisado para adubos (o mais rico em azote,) couros, sebo, e tripa a 200 reis o masso.

Rua da Boa Vista, 3 Lisboa

# EMPRESA CERAMICA

DA

FONTE NOVA

DE

Mello Guimarães & Irmãos AVEIRO

FABRICA a vapor de telha do systema de Marselha, feita pelos processos mais modernos e aperfeiçoados.

Encontra-se á venda n'esta fabrica grande quantidade de telha franceza e seus accessorios, e bem assim outros artigos para construcções, taes como: azulejos para revestimento de paredes de variados gostos, vasos para frontarias, siphões, balaustres, manilhas, etc., productos que rivalisam com os das principaes fabricas congengeres do paiz.

Tejolos de varias dimensões.

PREÇOS MODICOS

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

SANGALHOS

VENDEM e trocam relógios de bolso e de salla.

Correntes e medalhas de prata.

Machinas de costura «PFAFF», White e outros auctores.

Bicycletas «BRISTOL», «TRIUMPH», «OSMOND», «GUILTYNER» e outros auctores.

Completo sortido de accessorios, tanto para machinas de costura como para bicycletas.

Officina para qualquer reparação.

Alugam-se bicycletas

José Maria Simões & Filhos

ANADIA—SANGALHOS

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

E FERRAGENS

—DE—

ANTONIO FERREIRA FELIX, Filhos (Sucessores)

NESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, réde para vedações, alvaiades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.º 43 a 45—AVEIRO